

EDUARDO PRADO COELHO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

SETEMBRO 2001

Começou a escrever aos 18 anos na revista *Seara Nova* e no *Diário de Lisboa*, desde aí nunca mais parou. Uma longevidade na imprensa que lhe rendeu alguns inimigos e muitos admiradores. Nascido em 1944, licenciou-se em Letras, área que deixou para se dedicar às Ciências da Comunicação. Durante dez anos foi conselheiro cultural na Embaixada de Portugal em Paris, de onde saiu por vontade própria. Comissariou acontecimentos culturais, entre os quais a Europália e o Salão do Livro em Paris. Autor de extensa bibliografia ensaística, com destaque para *Os Universos da Crítica*. Esta entrevista foi realizada na ocasião em que Eduardo Prado Coelho assumira publicamente uma posição muito contestatária em relação ao modelo de crítica literária exercida em Portugal, o que colocou o meio cultural da especialidade em pé de guerra.

O ardor da polémica poderá incentivar a reflexão ou, pelo contrário, estimular o narcisismo?

Em relação à polémica que se levantou agora [sobre o exercício da crítica literária em Portugal] há que relativizar as coisas. Parece-me absurdo que a polémica se centre numa pessoa. Quando vi referida uma "escola Prado Coelho", pensei: fizeram uma escola e deram-lhe o nome do meu pai.

Escola, metaforicamente...

Pode existir uma influência de pessoas que trabalharam em conjunto e têm referências comuns. As polémicas, embora me divirtam e tonifiquem – porque há um exercício retórico e lúdico –, estão longe de ser o essencial. O essencial é aquilo que podemos – e devemos – fazer com a literatura em termos de tirarmos dela utilidades para a vida. A crítica, tal como a vejo hoje, é uma partilha. Há autores e textos de que gosto muito e gostaria que outras pessoas também gostassem; procuro dar-lhes razões para isso, razões que nunca são definitivas.

A crítica é simplesmente a exposição do gosto?

Não tem que ver com uma questão de gosto. Há textos relativamente aos quais me sinto próximo e, às vezes, nem serão os melhores do ponto de vista objetivo. O gosto é profundamente arbitrário.

Arbitrário, mas acusa Fernando Venâncio de mau gosto...

O registo em que ele se coloca corresponde, do meu ponto de vista, ao mau gosto de uma pessoa para se vestir. Depois, há razões teóricas para achar que os textos de Fernando Venâncio me interessam pouco.

O facto de lhe interessarem pouco não lhes retira valor...

Gosto de textos que me fazem perceber melhor as obras. Um texto crítico que me leva a descobrir uma obra (seja pintura, teatro, dança, literatura) é um texto que prolonga a obra. Isso é mais do que uma questão de gosto; é envolver os textos de uma linguagem que é, também, um movimento de relação com o mundo. Hoje, a ideia de uma crítica que diz: "isto é bom, aquilo é mau", como se

isso fosse demonstrável, é uma ingenuidade. Estar à porta dos céus da literatura a dizer "este entra, aquele não entra", parece-me inadequado.

Mas há, de facto, um exercício de gosto...

Obviamente, mas não é um gosto culinário, à maneira de se dizer: eu gosto de bacalhau com batatas. A crítica é um gosto que se legitima através de uma escrita. E é a escrita que dá autoridade ao gosto. Se a minha escrita conseguir dar uma imagem positiva de um livro e levar mais pessoas a lerem-no, esse é, para mim, o objetivo. Não é dar estrelinhas, como se faz mais facilmente no cinema. Uma escrita que dá estrelinhas é uma crítica de pura autoridade, mais nada.

Ao comissariar eventos culturais escolhe os autores por serem representativos de um país ou obedece ao seu gosto?

Não sou eu quem escolhe, na maior parte dos casos, embora tenha a preocupação de que estejam nomes que me parecem importantes. No caso de Paris, houve um conjunto de organizações portuguesas que suscitaram nomes e os franceses escolheram metade. A ideia de que há uma só pessoa que escolhe é absurda.

A divulgação dos escritores caberá só aos críticos? E as editoras?

No caso do Salão do Livro, foi pedido às editoras e à APEL que indicassem nomes. Neste tipo de coisas há a regra do jogo.

Tem noção de que a sua proximidade do poder o torna um alvo mais fácil?

É-me indiferente. Tenho plena consciência de que funcionei, sempre, com total isenção, e isso é que é essencial.

E tem noção do seu poder quando escreve?

Todas as pessoas têm poder quando escrevem.

A sua exposição mediática permite-lhe ter um poder maior...

Nesse aspeto, ou deixava de escrever, que era uma forma de abandonar o poder...

E não gostaria de abandonar o poder?

Não gostaria de deixar de escrever. Devo ser a pessoa que há mais tempo escreve regularmente sobre livros, em Portugal. Há toda uma longa ocupação com livros e com a escrita e cria-se uma certa «autoridade» pelo facto de as pessoas lerem e dizerem: *fiquei convencido sobre o que escreveste*. Não é um grande poder.

Acredita que pode continuar a ser útil como ensaísta e como crítico literário ou há um tempo para tudo, inclusive para se mudar ou parar?

Não me sinto hoje propriamente um crítico literário, no sentido profissional do termo. Interessa-me escrever de uma forma contagiante sobre as coisas que me tocam e que podem ser partilhadas. Podem ser até artes visuais – a gente vai-se deslocando nestas coisas.

Tal como na crítica literária se deslocou do estruturalismo para o impressionismo?

Nunca fiz crítica estrutural no sentido rígido da expressão. Achei, em determinada altura, que era importante passar pela psicanálise, pela noção da complexidade dos fenómenos, do funcionamento da linguagem, passar por dimensões sociológicas; achei importante haver uma mediação teórica para não se ficar dentro de uma conceção do homem, da vida e da subjetividade completamente parada. Tratava-se – e isso é que me interessa – de descobrir ou inventar outras dimensões possíveis sobre o que a gente pensa ou sente.

O seu pensamento político passou, também, por essa necessidade de encontrar outros horizontes ou, em muitas circunstâncias, sentia-se inseguro?

Nunca tive um projeto de fazer política. Se tivesse, neste País é fácil: significa não ter opiniões ou o mínimo possível, e ter uma estratégia. Fiz o contrário. Fui tendo opiniões, às vezes desencontradas e erradas, do meu ponto de vista, hoje,

mas tentando sempre pensar as coisas em função de ideias centrais sobre o que deveria ser uma sociedade justa.

Sentiu-se bem em todos os lugares políticos ou de confiança política que ocupou?

Fui diretor-geral da Ação Cultural durante ano e meio, a seguir ao 25 de Abril, e conselheiro cultural em Paris. Não é uma carreira brilhante em termos políticos. Comparem com a maior parte das carreiras.

Uma constante exposição mediática não o assusta?

Assusta e incomoda. Nunca dei um passo para ter uma entrevista. Mas, talvez por estar muito ligado aos jornais, tenho dificuldade em dizer não. Há coisas que terão valido a pena, outras que foram absurdas, como a minha ida ao primeiro programa das *Noites Marcianas*. A minha mulher aconselhou-me a não participar. Mas tratava-se do Carlos Cruz...

Resultado?

Quando saí do programa andei de carro às voltas, a fazer tempo e a pensar, vamos lá ver se a minha mulher adormece. Cheguei a casa e, tal como os maridos mal comportados, despi-me na sala para não a acordar; fui pé ante pé, deitei-me e, de repente, ouço a voz ao lado: *O programa era uma vergonha!* A minha mulher tinha toda a razão. Eu gostaria de participar em programas de televisão em que se conversasse com gosto sobre assuntos que até poderiam ser ousados, mas não naquele registo.

O que são subprodutos literários?

São livros feitos para irem ao encontro de um gosto do público já feito. É a técnica de produtores de *best-sellers*, que não pretendem trabalhar ou transformar o gosto do público, mas sim confortá-lo na sua passividade.

Uma literatura próxima do real tem de ser um subproduto?

Pelo contrário, todos os livros têm por função dar-nos uma experiência nova do verdadeiro real e não da realidade que já está feita, que é aquela que os

subprodutos confortam – como dizia Fernando Pessoa: uma literatura feita por caderno de encargos.

Como destringer o bom do mau?

Um bom livro é aquele que me dá vontade de partilhar. Não existe uma definição objetiva. A crítica é um tribunal onde não há lei.

Por que há tantas rivalidades entre os críticos?

E entre os escritores, cineastas, pintores, cientistas. No caso da cultura, o que está em jogo não é apenas o que a pessoa fez mas o que a pessoa é.

Todos em bicos de pés?

Não. Mas a pessoa que se sente incompreendida no que fez *sente-se incompreendida no que é*. E isso magoa.

É um homem magoado?

Nada. Não tenho a menor preocupação com esse tipo de coisas. E também não sou um criador.

Gostava de o ser?

Quem não gostaria? Fiz uns poemas, nem maus nem bons, e um dia olhei para aquilo e disse: se isto deixasse de existir, o mundo ficava exatamente igual. Não vale a pena.

Algum criador consegue mudar o mundo?

Quando dizemos que há uma situação kafkiana, é porque Kafka alterou o mundo, como Stendhal mudou a nossa maneira de ver. Eu aprendi a namorar com livros de Augusto Abelaira: por exemplo, *A Cidades das Flores*.

Ainda segue modelos teóricos?

Nunca segui modelos. Tenho referências. É útil saber o máximo possível para se escrever esquecendo o máximo do que se sabe.

Aprende isso com seu pai [Jacinto do Prado Coelho]?

Sim. A melhor escrita é aquela que atravessa o estruturalismo mas depois se esquece do estruturalismo e vai pelo seu próprio ritmo e exigência interior. Irrita-me o facto de as pessoas que, pelo facto de não saberem determinadas coisas, acharem que esse saber é inútil. Estão a justificar a sua ignorância.

Um conselho que seu pai lhe tenha dado e não seguiu...

Disse-me: *Tens muitas qualidades mas um enorme defeito, só fazes as coisas que te dão prazer.* Ele tinha um ego forte, achava que as pessoas deviam fazer também coisas que não lhe dessem prazer. Conhecendo o trabalho do meu pai, percebo-o. Mas eu fujo a isso. E um conselho que procurei seguir: Um dia, estava a escrever uma crítica e a tentar encontrar fórmulas mazinhas para dizer mal de... Eu era ainda muito jovem, o meu pai aproximou-se, leu e comentou: *Podes ter muita razão, isso dá-te muito prazer, mas podes estar a magoar profundamente uma pessoa.*

Crê haver má fé nas críticas que lhe dirigem?

Quando se trata de discutir problemas em que as pessoas não tiveram o mínimo de informação sobre os assuntos, apesar de haver informação disponível mas que acham inútil, estar-se-á numa conversa sem saída, porque é de má fé. Quando se trata de eu sei isto, tu sabes aquilo, sem à partida se pretender ter razão, então tenta-se chegar a qualquer coisa, que até pode ser uma discordância. Pode haver um diálogo racional, em que as pessoas se confrontem sem que tenham de chegar a acordo.

Quando encontra um título num jornal que lhe chama «Lili Caneças da Cultura» fica ressentido?

Por que havia de ficar ressentido com um texto da Constança Cunha e Sá, cuja relevância para a cultura portuguesa é nula! A sua opinião não me afeta nada.

E a polémica com Fernando Venâncio?

Digo as coisas com o maior dos à vontades, porque também já cheguei a uma

idade que não tenho de ter papas na língua.

Mas fica "picado" quando atingem a sua autoestima...

Não é "picado". Tenho, por vezes, uma manifesta volúpia de ser mau. A minha mãe contava-me que, quando era pequeno, me diziam: *Não sejas mau*. E eu respondia: *Sejo seja*. Com o Fernando Venâncio é o *sejo seja*. Se ele entrar por aquela porta, terei o maior prazer, tenho toda a simpatia por ele. Eu e os meus amigos insultamo-nos, às vezes, por razões secundárias, como os casais, como na Assembleia da República, dizem-se coisas que são um registo mais codificado do que aquilo que são as relações humanas efetivas.

Os insultos criam descrédito?

Não vale a pena fulanizar excessivamente. O progresso civilizacional é a capacidade de termos a noção de que, se um polícia nos multa, nem o polícia tem nada de pessoal contra mim nem eu devo ficar a achar que o polícia é um biltre. Devemos ser muito mais irónicos e desprendidos.

Gostaria que Eduardo Prado Coelho ficasse na história?

Não me considero um criador no sentido de querer ficar nesse plano. É-me mais importante ver uma pessoa a quem disse "leia este poema", ficar com lágrimas nos olhos ao lê-lo do que eu querer ficar na história.

Não há autores excluídos?

Não podemos ler tudo. Haverá situações injustas. Neste momento, nem é minha preocupação escrever apenas sobre literatura. E nem existe mais o que havia antigamente, uma tribuna crítica...

À moda de João Gaspar Simões?

Gaspar Simões, Álvaro Salema ou Óscar Lopes, que fizeram um excelente trabalho, mas que, de certo modo, tinham a obrigação de seguir a qualidade literária. Eu escrevo apenas sobre os livros de que gosto, embora haja autores de que gosto e sobre os quais tenho medo de escrever. Por exemplo, Herberto Helder. E alguns livros da Agustina e da Maria Velho da Costa assustam-me.

Penso que não serei capaz de escrever à sua altura. Noutros casos há uma grande cumplicidade.

Capelinhas?

A ideia de capelinhas é a de que se promovem pessoas não por razões de ordem literária mas porque são nossos amigos. O processo é normalmente ao contrário. Tornamo-nos amigos de pessoas que não conhecemos, porque um dia descobrimos um livro delas. Mas havendo – e há – possibilidades de múltiplas pessoas escreverem em jornais sobre os livros de que gostam, devem fazê-lo.

O seu gosto prende-se mais com uma influência francófona?

Está a ser lançada uma coleção de livros de bolso de ficção estrangeira, dirigida por mim, para venda em quiosques. Vejam, a presença francófona é reduzida.

Os quiosques são um bom veículo para boa literatura?

Se as pessoas que vão ao quiosque forem levadas a ler Jorge Amado ou um livro mais "difícil", como o *Palomar*, de Calvino, ou Beckett ou Le Carré, fico satisfeito.

Interessa ler ou ler bem?

Interessa que se leia bem. Que se leia não apenas pelo prazer da história mas também com o prazer de sentir como a história está narrada e escrita. E isso passa por pormenores que uma leitura atenta faz ressaltar. Tal como no cinema, como em tudo.

(Colaboração de António Rodrigues)